O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2010 - ANO XII - Nº 156

EDITORIAL

A trágica morte da médica pediatra e sanitarista Zilda Arns, coordenadora da Pastoral da Criança, no terremoto que sacudiu o Haiti, o país mais pobre das Américas, deixou o Brasil de luto.

Num país carente de homens públicos éticos, onde a corrupção campeia em todos os setores, Zilda Arns é exemplo de trabalho, honradez, compromisso e dedicação aos pobres. Ela reunia em sua pessoa a generosidade, a caridade e o cuidado com os mais vulneráveis, sobretudo a criança. Foi a idealizadora, há 27 anos, da Pastoral da Criança, inspirado trabalho iniciado em 1982, depois que um membro das Nações Unidas incumbiu seu irmão, o então cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, de promover a redução da mortalidade infantil no país por meio da Igreja Católica. A Pastoral da Criança tornou-se referência mundial. Com ela, Zilda Arns mostrou ser possível, com trabalho voluntário, enfrentar os problemas sociais e reduzir as taxas de mortalidade infantil, não apenas pela ação dos governos, mas pelo seu devotamento e o da Pastoral da Criança. Até sua morte, no dia 12 de janeiro, Zilda Arns coordenava cerca de 260 mil voluntários, presentes em mais de 32 mil comunidades em bolsões de pobreza, em 4.063 municípios brasileiros, ajudando quase dois milhões de gestantes e crianças. Esse trabalho serviu de modelo para vários países da África, da Ásia e da América Latina. Em 2004, Zilda Arns fundou a Pastoral da Pessoa Idosa, que atende a mais de 129 mil pessoas em todo o país. Pelo trabalho na área social, Zilda Arns chegou a ser indicada ao Prêmio Nobel da Paz. Sua generosidade e o trabalho que promoveu no Brasil e por vários países encheram de orgulho os brasileiros e vão deixar saudades. Fica o seu exemplo de desvelo, abnegação e amor ao próximo, competência e humildade, que há de repercutir perenemente na formação moral e ética de brasileiros e, portanto, na construção de um país mais justo e solidário, sonho ao qual dedicou toda a vida. Fica, também, a responsabilidade para os que, como ela, acreditam no Brasil, de dar continuidade às suas obras.

Reprodução

São Luiz do Paraitinga tem no turismo sua principal fonte de renda. A cidade preservava um dos maiores conjuntos arquitetônicos do período do café do estado de São Paulo, grande parte destruída pelas chuvas do início de janeiro. Reerguê-la se faz necessário.

As trágicas e previsíveis chuvas de verão

As fortes chuvas que atingiram o sudeste brasileiro nos primeiros dias deste ano provocaram desabamentos em diversas áreas, estragos em inúmeras estradas, destruição de várias pontes, além de milhares de desalojados e desabrigados, mortes e prejuízos incalculáveis.

Os meios de comunicação, a toda hora, nos surpreenderam com flashes ao vivo das tragédias que enlutaram diversas famílias. Mostrou-nos, também, a violência da natureza e a fragilidade do Estado.

Vimos pela TV o rico patrimônio histórico de São Luiz do Paraitinga ruir pela ação das águas. Dezenas de casarões do século 19, que formavam o maior conjunto arquitetônico tombado do estado de São Paulo, ruíram. Foi impactante a imagem amplamente divulgada da matriz de São Luiz de Tolosa desabando. Constatamos, assim, ser impotentes frente à força da natureza.

Muitas dessas tragédias, porém, poderiam ter sido minimizadas ou mesmo evitadas se não tivesse havido interferência negativa do homem no meio ambiente. Assistimos, ainda, às autoridades se deslocando para os locais das tragédias, fazendo discursos e prometendo verbas ou obras emergenciais, como se tivessem sido pegos de surpresa pela catástrofe. No entanto, elas se repetem a cada verão.

Estudiosos do clima já há algum tempo vêm alertando que, em decorrência das mudanças climáticas por que passa o planeta, as chuvas serão cada vez mais intensas. Observa-se que nos últimos anos o número desses acidentes vem aumentando e que as medidas preventivas adotadas pelos governos para evitar deslizamentos e enchentes mostraram-se ineficazes. De qualquer maneira, não se justifica que milhares de pessoas continuem vivendo em áreas de risco, à margem de rios, sujeitas a ter suas casas inundadas toda vez que as águas subam. Outro problema que parece insolúvel é o das construções em encostas, sujeitas a deslizamento. A vista grossa dos governos e o descumprimento da legislação ambiental têm concorrido para que famílias se exponham a toda sorte de risco. A falta de planejamento nas cidades a médio e longo prazo faz com que fenômenos anômalos como o ocorrido em São Luiz do Paraitinga, quando choveu em curto espaço de tempo muito mais do que o previsto, causem tantos transtornos.

Os meios de comunicação mostraram que não estamos preparados para esses novos tempos de mudanças climáticas e eventos extremos. O que se espera daqui para frente é que esses desastres sirvam de alerta para nossas autoridades e que estas coloquem o meio ambiente dentro de suas prioridades.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pró-Memória

Da esq/dir: Almiro (bateria e voz), Zé Inácio (guitarra), Pingo (percussão), Fio (maracá e agogô), Zé Rosalvo (marimba), Michelin (bongô e pandeiro), Didi (acordeon) e Quebra-Faca (sax)

O "Ritmos Plazza"

Os anos 60 ficaram marcados como um dos momentos mais efervescentes da vida nacional. Movimentos como a Bossa Nova e o Cinema Novo revigoraram o ambiente cultural brasileiro. A explosão dos costumes concorreu para mudanças no comportamento dos jovens. No vestuário, as saias ficaram mais curtas, os maiôs foram substituídos pelos biquínis. Nas cabeças, o uso do topete com muita brilhantina, nos homens; e os cabelos armados com laquê, nas mulheres, além de óculos escuros como acessório. Aboliu-se o uso do suspensório, dos ternos e chapéus. Apareceram as chamadas calças rancheiras ou far-west. Os jovens tinham como ídolos Ray Charles, Miltinho, Santana, Ray Coniff e se reuniam nas tardes de sábado ou domingo nas casas de um ou de outro, para ouvir, numa vitrola, lançamentos musicais, grandes orquestras e sonhar com os bailes da vida.

Por essa época, os bailes eram acontecimentos importantes na vida das pessoas. Como não havia TV, a juventude se preparava com esmero para eles, pois era oportunidade para paquerar e iniciar namoro.

Em Piquete, o que não faltava era local para dançar: havia os salões do Elefante Branco e do Grêmio General Carneiro, na Praça Duque de Caxias, e os dos Ex-Alunos e do Comercial, na Praça da Bandeira. E foi para abrilhantar esses bailes que, no início de 1963, um grupo de músicos reunidos no "Bar do Sérgio", na esquina da Coronel Pederneiras com a Travessa Padre Juca, resolveu se unir formando um conjunto musical. Dele faziam parte Almiro, Zé Inácio, Fio, Michelim, Didi Azevedo e Nelson Quebra-Faca. Batizaram-no "Ritmos Plazza". Entusiasmados, passaram a ensaiar nos fundos da Alfaiataria Modelo, na Praça da Bandeira, propriedade de Zequinha Alfaiate (José de Souza Viana). Somou-se a eles Zé Rosalvo, que tocava piano, e mais tarde passou a tocar marimba, que, por motivos óbvios, era mais fácil de se transportar.

Após meses de ensaio, afinados e prontos para o julgamento público, foram contratados para abrilhantar um Desfile de Penteados, seguido de baile promovido pela Escola Normal Duque de Caxias. Esse evento que marcou o nascimento do Ritmos Plazza, ocorreu na noite de 10 de agosto de 1963. Os músicos foram impecavelmente vestidos pelo Zequinha Alfaiate. Às 22 horas teve início o show com a apresentação do conjunto à sociedade piquetense por Yeyé Masiero. O salão do Elefante Branco estava lotado. O ritmo alegre e moderno agradou de imediato. Os jovens dançaram a noite inteira e, no dia seguinte, o assunto da cidade era o Ritmos Plazza. O baile da Escola Normal superou as expectativas e o novo conjunto passou a ser disputado pelo Grêmio General Carneiro e pelo Comercial para animar-lhes os eventos. O sucesso extrapolou as fronteiras do município e ganhou a região. Passaram a tocar por todo o Vale do Paraíba, Sul de Minas e Rio de Janeiro. Novos instrumentos foram comprados e novos músicos como Dito Bom Cabelo e José Vicente, bem como as crooner Beia, Nilza e Dircéia e enriqueceram o conjunto, que ficava cada vez melhor. Uma amostra desse sucesso aconteceu num réveillon no sofisticado Clube Recreativo Pouso Alegrense, em Pouso Alegre-MG. O diretor do clube avisou ao grupo que era costume do público local, muito exigente, mandar parar a música e substituí-la por "Long-Plays" se o conjunto não agradasse. Logo após as primeiras músicas foram ovacionados por mais de 3 mil pessoas. No outro dia, o prefeito da cidade contratou-os para tocar em um evento municipal naquela mesma noite.

Nos anos 60, o Ritmos Plazza era considerado o melhor conjunto da região. Reconhecido por suas qualidades artísticas, o sucesso era crescente. Porém, no auge desse sucesso, em 1968, o Ritmos Plazza encerrou sua carreira. A maioria de seus componentes eram funcionários da FPV. E ficava difícil trabalhar na segunda e terça-feiras por terem que viajar para lugares cada vez mais distantes, para tocar nos finais de semana. Com o fim do Ritmos Plazza, um novo grupo de jovens passou a se reunir e surgiu "Os Aventureiros", que, mais tarde, se transformaria no Apollo 2001.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Thereza do Hugo

Muitos dizem que a lembrança é a sobrevivência do passado. Numa conversa com Therezinha Rodrigues dos Santos, o passado aflora à consciência com facilidade e rico em detalhes. Recorda-se e conta-nos sobre a Praça da Bandeira desde o início de sua construção, no final dos anos 30, até nossos dias – os primeiros moradores, os sucessivos pontos de comércio... Sua relação com a principal praça da cidade tem sua razão de ser: Thereza nasceu e reside nos limites desta Praça com a rua Cel. Luiz Relvas.

Filha de João Rodrigues dos Santos e Albertina Maria dos Santos, nasceu em 13 de novembro de 1927. É a mais velha entre dez filhos. Sua mais remota lembrança da infância remonta à Revolução de 1932, quando, ainda menina, foi para São Paulo num trem lotado de famílias piquetenses, fugindo das tropas federais que avançavam sobre Piquete. Em São Paulo, ficaram alojados num ringue de patinação, as famílias separadas por um gradil de madeira. Cita, ainda, a visita de uma Folia de Reis a sua casa: "Meus pais colocaram as crianças para dormir... Eles vieram cantando; após visitar o presépio, entraram no quarto e passaram a bandeira sobre nós, para nos abençoar...".

Lembra que, como não havia a rodovia, todo trânsito de São Paulo para o Sul de Minas e vice-versa, passava em frente à sua casa. Passavam, também, muitas tropas e boiadas. No período das chuvas, como as ruas não eram calçadas, a subida da Praça se tornava um atoleiro. "Era preciso colocar corrente nas rodas dos carros para subir...", diz. Aos sete anos, foi matriculada no antigo Grupo Escolar do Piquete, prédio que ficava a poucos metros de sua casa. Cita as professoras Alcina, Thereza de Mello e Virgulina. Das colegas, Marília Moreira, Eunice Gonçalves, as irmãs Natália, Natalina e Alice, filhas de José Lúcio de Souza. Fez sua primeira comunhão na antiga Matriz de São Miguel, tendo sido preparada por D. Leonor Guimarães. Com a criação da Escola Profissional Feminina da FPV, nela se matriculou. "São muitas as boas recordações daquele período. O diretor Augusto Ribeiro de Souza, os professores Osires, Zito, Lutgardes..." Reverente, cita o professor Laércio de Azevedo: "Ele ensi-nava música e mantinha um coral do qual eu fazia parte...".

Coral Santa Cecília

Fotos arquivo Pro-Memória

Na escola aprendeu a costurar e a bordar. Seus trabalhos eram impecáveis. "As aulas eram com as professoras Noemi, Maria e Antonieta Azevedo".

Mais tarde, cursou a Escola Industrial Feminina. Foi colega de Therezinha Masiero, Otília Pereira, Eunice Fernandes, Therezinha do Jacó... Com a conclusão do curso, lecionou como professora substituta na Escola da Tabuleta, cuja titular era a professora Conceição Godoy. Lecionou, também, no Curso de Aplicação Duque de Caxias, dirigido pelo professor Leopoldo,e na Escola Agrícola.

Apaixonada por Piquete, acompanhou o crescimento da cidade. Assistiu o surgimento das vilas operárias, da Praça Duque de Caxias, as várias transformações da Praça da Bandeira, "especialmente quando ela era cheia de roseiras – era linda!"... Cita os comerciantes João e André Raffoul, Elias e Nagila Hanks, Thomé e Genoveva Seraphim, o bilhar do Serafim Machado, o Posto de Gasolina Caloric, o Hotel do Brasilino, os clubes dos Ex-alunos e Comercial... Cita comícios de Adhemar de Barros e Jânio Quadros... Não se esquece, também, dos inúmeros vizinhos.

Em 12 de outubro de 1945, Therezinha casou-se com Hugo Prado. Tiveram dois filhos, Roberto Wilson e Sílvia Maria. Viúva há 26 anos, tem três netos e dois bisnetos. Participa há muitos anos do Coral Santa Cecília, resultado da paixão que tem, desde pequena, pelo canto. Cidadã consciente, é voluntária da Oficina Santa Rita.

Thereza do Hugo é uma arguta observadora: acompanha e avalia a situação de Piquete. Para ela, é preciso melhorar as perspectivas dos munícipes. "Tomara que Piquete ainda encontre seu caminho para o crescimento."

Solidariedade contagia

As fortes cenas mostradas pela TV e estampadas nos jornais, geradas pelo terremoto que arrasou o Haiti no último dia 12 de janeiro, comovem a todos. Centenas de corpos amontoados dividiam calçadas e ruas com milhares de haitianos caminhando sem rumo. Frente a toda essa tragédia, o mundo se organizou e gestos de solidariedade se somaram, o que nos faz acreditar que a humanidade ainda tem jeito.

Não há como não se comover com a mobilização para ajudar o próximo e com ele compartilhar sua dor. Quanto maior a tragédia, maior a reação solidária. Gestos de diferentes intensidades se somam.

O Brasil, já há alguns anos, vem trabalhando no Haiti, numa ação solidária, com soldados da Força de Paz da ONU, para manter a ordem. Nessa tragédia, que enlutou o mundo, o Brasil perdeu alguns desses soldados. Perdeu, também, a médica pediatra Zilda Arns, fundadora da Pastoral da Criança, da Igreja Católica, que, num trabalho solidário, vem salvando a vida de milhares de crianças. Fundada em 1983, com o desafio de ensinar as mães de comunidades carentes a usar o soro caseiro como forma de combater o que era a maior causadora da mortalidade infantil – a desidratação decorrente de diarréias e vômitos. Hoje, a mistura de duas medidas rasas de açúcar com uma de sal em um litro de água limpa, o famoso soro caseiro, parece daqueles remédios que sempre existiram. Mas não. Até os anos de 1980, eram usados soros industrializados e comercializados sob patentes, com embalagens – caros. A Pastoral da Criança foi responsável pela difusão do soro caseiro: barato e simples de fazer. A partir dessa ação, Zilda Arns criou, com a Pastoral, uma imensa rede de agentes comunitários da Saúde, a esmagadora maioria mulheres pobres, que conheciam a forma de multiplicar os conhecimentos recém-adquiridos. O modelo da Pastoral foi um sucesso e Zilda Arns passou a divulgá-lo pelo país. Era sempre vista pesando crianças em balanças improvisadas, ensinando a formulação do soro caseiro, distribuindo uma mistura nutritiva (a multimistura da Pastoral) feita de casca de ovos, semente de abóbora, arroz, milho ou fubá, folha de mandioca – "antianemia e antidesnutrição", ela garantia. A taxa de mortalidade infantil entre comunidades atendidas pelas voluntárias de Zilda Arns era de 13/1000 nascidos vivos contra a média nacional de 34,6/1000.

Mais do que nunca, a solidariedade é necessária para a reconstrução do Haiti. O Brasil irá manter seus soldados, ampliando o efetivo e o tempo de permanência naquele país. O trabalho de Zilda Arns, com toda certeza, estará presente, ajudando a salvar milhares de crianças haitianas.

Fotos: Reprodução

"O Haiti já estava de joelhos. Agora, está prostrado"

Todos discutem a situação caótica em que se encontra o Haiti após o terremoto que lhe devastou a capital e várias cidades menores. A ONU, no dia 17 de janeiro, classificou o acontecido como a pior tragédia desde a sua criação, há mais de 60 anos. Foram várias as agências de notícias que divulgaram como uma das maiores e mais rápidas mobilizações em torno de um propósito comum a reação do mundo, solidarizando-se com o país após as primeiras avaliações sobre o ocorrido terem sido divulgadas. Milhões de dólares foram direcionados, mais a disponibilização de especialistas, técnicos, médicos, alimentos, água, equipamentos e ferramentas que permitiriam agilizar os trabalhos de resgate.

Chefes de Estado do mundo todo, em especial dos Estados Unidos, do Brasil e França adiantam-se para liderar o processo de reconstrução – literalmente falando – do Haiti. Acendem-se as primeiras chamas de uma perigosa fogueira das vaidades...

No dia 14 de janeiro, o antropólogo e professor da UNICAMP,Omar Ribeiro Thomaz, em artigo publicado na Folha de São Paulo, mostra a incoerência que representa essa súbita solidariedade para com o país agora destruído. Omar elenca uma série de acontecimentos históricos promovidos pelos Estados Unidos e pela França, por exemplo, que têm grande responsabilidade na atual situação de miséria e desgoverno em que se encontrava o Haiti até o dia 12 de fevereiro, sem que fosse dada a devida importância à situação. Após seis anos da MINUSTAH, sigla em francês para Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti, as condições do Haiti eram perversas para com a população. Dados para ilustrar: o país é o mais pobre da América, 45,2% da população é analfabeta, a expectativa de vida é de apenas 60,9 anos e a renda *per capita* equivale a um terço da renda da favela da Rocinha, no Rio de Janeiro.

Portanto, impressionou-me o realismo e a força do título do artigo de Omar, do qual ouso apoderar-me: "O Haiti já estava de joelhos. Agora, com a destruição de sua capital, está prostrado". É a mais pura realidade. Ele conclui dizendo que "depois da tragédia de Gonaives – quando a cidade foi soterrada na passagem de um furacão, em 2004 –, não teríamos de estar minimamente preparados para a gestão de uma calamidade?" Ele mesmo conclui: "Não", argumentando com a falta de operações de resgate eficazes e a conclusão de que as forças internacionais da ONU não estão preparadas para lidar com uma calamidade desta natureza.

Torçamos para que Omar esteja enganado e a comunidade internacional realmente se empenhe na reconstrução do Haiti. Que lhe seja permitido um sopro de esperança. E que o mundo não aguarde novas tragédias para agir em prol de povos tão ou mais sofridos do que os haitianos.

De caetês a bambuais

1 – Os Caetês

Os caetês formam-se, ou formavam-se em conjuntos densos e estendidos, às margens dos cursos d'água, a indicar nas folhas muito verdes a intensidade da ação da água concentrada nos talos firmes.

As folhas acetinadas, largas e suaves são, tradicionalmente, usadas para abrigar as boas pamonhas do milho verde cultivado sem agrotóxicos. A pamonha conservada na umidade das folhas dos caetês guarda consistência cremosa e agradável sabor. Nada a ver com aquelas que se ressecam insossas nas palhas de milho: ásperas, descoloridas e nada apetitosas. Em meio aos caetês, apontando para cima, e balizando as massas das folhas, os pendões floridos, denotadores dos chamados bastões-de-são josé, cujas flores brancas invocam a pureza anunciada na mensagem angelical à prometida Virgem que se tornaria Mãe de Jesus, Rosa de Jericó, motivo das esperanças. A floração da cepa nas mãos de José anuncia a chegada do descendente de Davi, renovando o tempo e marcando, no espaço, pela transcendental floração, o milagre do imponderável tornado carne, de humana forma, no conteúdo, na representação e na mensagem expandida para todos. Manifestação divina transmutada em humanidade para maravilhar, perdoar e redimir com a promessa da eternidade e o resgate do ser adâmico na perda do paraíso terrestre.

Nós, crianças atentas, ao percebermos o anúncio das pamonhas nas gamelas em ação, com a antevisão da calda espessa e amarelada a tresandar sabores, saíamos à busca dos caetês. Pisar no chão dos brejos e nas lamas das várzeas, para depois limpar nas águas fresquinhas do rio, a escolher as folhas mais verdes, novas e sadias. Uma atividade de prazer e ruidoso encantamento. Na beira do Ribeirão Piquete. "– Olhe esta, que verdinha!" exclamava, exultante, um para os outros. Ato contínuo, o corte. O estalo dos caules. O transporte das folhas espalmadas, para não amassá-las. Fazê-las chegar reluzentes. E com a antecipação do gozo no gosto.

Chegadas a casa, as crianças, regozijantes com o produto da colheita, separavam as folhas sob a supervisão da ascendente dominante e punham-se a lavá-las, uma a uma, cuidadosamente, para que não ficasse vestígio de sujeira, nem perigo de contaminações. As não suficientemente limpas e perfeitas eram recusadas.

Depois, era esperar que do amassado do milho, após o ralamento, saísse o fino produto para as tigelas. Remexido suavemente, o caldo cremoso ia ao fogo. E no tacho, bem remexido, em sábias revoluções sob as colheres de pau, a formar bolhas até atingir o ponto consistente e engrossado. O caldo derramado suavemente nas folhas dos caetês, abertas sobre a mesa da cozinha, ali esfriava lentamente adquirindo a consistência esperada.

Para tanto, o lado acetinado e lustroso das folhas recebia o creme que daria as pamonhas. As folhas dobradas em envelopes, eram em seguida amarradas com finas tiras retiradas das palhas do milho. Um trabalho artesanal, extremamente cuidadoso.

As pamonhas jaziam, uma a uma, úmidas, a tresandar o cheiro característico. Depositadas nos pratos e travessas de louça, faziam o encanto da meninada premiada pela empresa. E os adultos, depois de esfriadas lentamente, as distribuíam equitativamente entre os membros da família. Alguns visitantes adivinhavam o empreendimento, visto que as crianças atravessavam ruas e calçadas abraçadas com as folhas, anunciando o evento. As pamonhas da tia Mariquinhas e suas assessoras eram famosas. A cozinha era grande e o acesso facilitado.

Portanto, o bom gosto recomendava o contato imediato.

Nunca mais degustei pamonhas daquele sabor... Deliciosas e inesquecíveis.

Ó meu Deus, meu povo, onde estão os nossos caetês? Que, além de nos conceder palmas benfazejas para acomodar as pamonhas, resguardavam a textura e o sabor, e que, como matas ciliares, protegiam as margens e vertentes dos vales.

Dóli de Castro Ferreira

Fotos: Arquivo Pró-Memória

A tradição dos três Reis Magos e a Folia de Reis

Os três Reis Magos

Melchior, Baltazar e Gaspar, conforme conta a tradição, do Oriente, guiados pela Estrela de Belém, acorreram ao local do nascimento de Jesus, levando em oferenda ouro, incenso e mirra. A visita, relatada no Evangelho de São Mateus, não traz tantos detalhes, mas, ao longo dos séculos, foi-se acrescentando a esse episódio uma série de dados que deu o perfil peculiar a essas três figuras.

Primeiro, acreditou-se que eram sábios astrólogos, membros da classe sacerdotal de alguns povos orientais, como os caldeus, os persas ou os medos. A partir do século 6, porém, a Igreja passou a considerá-los e os nomeou pessoalmente, atribuindo a cada um deles características próprias. Assim, Melchior seria o representante da raça branca, européia, e dos descendentes de Jafé. Baltazar representaria a raça amarela, habitante da Ásia e descendente de Sem, enquanto Gaspar pertencia à raça negra, proveniente da África e teria como ascendente Cam. O evangelho quis nos mostrar que povos distantes e de culturas diferentes reconhecem em Jesus o Messias, o Salvador do mundo.

A melhor descrição dos Reis Magos foi feita por São Beda, o Venerável (673 – 635), que no seu tratado "Excerpta et Colletanea" assim relata: "Melchior era velho, de setenta anos, de cabelos e barbas brancos, tendo partido de Ur, terra dos caldeus. Gaspar era moço, de vinte anos, robusto, e partira de uma distante região montanhosa, perto do Mar Cáspio. Baltazar era negro, de barba cerrada e com quarenta anos; partira do Golfo Pérsico, na Arábia Feliz. Quanto aos seus nomes, Gaspar significa "aquele que vai inspecionar", Melchior quer dizer "meu Rei é Luz", e Baltazar se traduz por "Deus manifesta o Rei". Como se pretendia dizer, representavam os reis de todo o mundo e as três raças humanas existentes, em idades diferentes. Assim, Melchior entregou-lhe ouro, em reconhecimento da realeza; Gaspar, incenso, em reconhecimento da divindade; e Baltazar, mirra, em reconhecimento da humanidade.

A exegese vê na chegada dos Reis Magos o cumprimento da profecia contida no Livro dos Salmos (SL. 71,11): "Os Reis de toda a Terra hão de adorá-lo".

A Folia de Reis

Dentro das manifestações do ciclo de Natal, é comum, no interior de São Paulo e Minas Gerais, a apresentação da Folia de Reis. As chamadas Folias de Reis, Ternos de Reis, Tirada de Reis, Santos Reis, Reisados ou simplesmente Reis são grupos que, por devoção, peregrinam de casa em casa no período compreendido entre o Natal e 6 de janeiro (Dia de Reis). Em cantoria, fazem uso de temas religiosos: das profecias do nascimento do Menino Jesus à visita dos Reis Magos. Cumprem, sempre, os mesmos rituais de chegada e despedida.

A palavra Folia surgiu em Portugal, para indicar um tipo de dança muito barulhenta, tendo ao fundo um acompanhamento feito por pandeiros.

A festa de Reis consta, essencialmente, da "tirada de Reis". Os ensaios começam, em muitos lugares, nos meados de novembro, quando é comum ouvir-se o bater seco dos tambores e a voz estridente dos cantadores. Reúnem-se os integrantes da Folia de Reis formando a chamada "companhia". Não há número certo de participantes. Uma "companhia" pode ter de seis até mais de vinte elementos. De modo geral, conta com as seguintes figuras: o mestre violeiro, o embaixador ou capitão da companhia, o contra-mestre, também violeiro, o alferes da bandeira, porta-bandeira e um, dois ou três palhaços. Saem pelas ruas cantando e dançando. Ao chegar às casas, com a bandeira na mão, em frente de um altar ou oratório contam os foliões a história da viagem dos três Reis Magos ou do nascimento do Menino Jesus. Depois angariam donativos, que podem ser em dinheiro ou frangos, leitões e doces diversos, para um "ajantarado", no dia 6 de janeiro, com a participação de todos os que formam o grupo.

Em Piquete a festa de Reis aconteceu no sábado, dia 9 de janeiro, no bairro de Santa Isabel, em frente à casa dos festeiros: os casais Arlindo e Cida, Pedro e Maria. Houve apresentação da Folia, com muita cantoria, participação popular e farta distribuição de comida. Num palco aconteceu a "passagem da coroa" para os festeiros de 2011. ***AC***

Fotos:Folia de Reis na Exposição de Presépios; Passagem da Coroa para os novos festeiros; Distribuição de comida na Festa de Reis

Exposição de Presépios da Fundação Christiano Rosa

A tradicional exposição de presépios da Fundação Christiano Rosa aconteceu entre os dias 19 de dezembro de 2009 e 6 de janeiro de 2010, no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa". Nessa edição, foram expostos mais de trinta presépios, entre eles três de uma artesã piquetense. A montagem do cenário para as peças contou mais uma vez com a colaboração do animado Anderson Di Marchi, o conhecido "Sugala".

Como todos os anos, a exposição recebeu muitos visitantes, que se emocionam com as diferentes formas dos artesãos de representar o nascimento de Jesus. Além de apreciar os presépios expostos, os convidados da FCR puderam assistir a uma Folia de Reis, que se apresentou especialmente na noite de abertura; muitos não conheciam essa importante manifestação cultural.

Crônicas Pitorescas

Ressaca...

Palmyro Masiero

O interfone tocou no apartamento. Carregado de má-vontade e mal-estar, o cidadão levantou-se do sofá onde estava sentado, recostadão, de olhos fechados, para atender:

– Fala...

– "Seu" Pascoal, tem uma moça aqui embaixo que quer falar com o senhor.

– Moça? Que moça? O que ela quer?

– Um instante que vou perguntar.

Momentos após:

– Alô, seu Pascoal... Ela não disse o que quer. Apenas para falar para o senhor que é a Marilu.

– Que Marilu?

– Não sei... Disse que se falasse Marilu, o senhor se lembraria.

– Mas que diabo de Marilu? – pensou em voz alta.

– E eu é que sei? – respondeu o porteiro, pensando que a pergunta fora feita a ele.

– Olha, não conheço nenhuma Marilu. Portanto, não deixe entrar.

– Deixou o interfone, passou a manga do pijama pela testa perlada (esse termo é um barato!) de suor, foi em direção ao barzinho da sala do apartamento, serviu-se de uma dose de uísque, à geladeira colocar gelo e retornou ao sofá, experimentando uma estranha sensação interior. Era domingo e tinha chegado de madrugada de um baile, com carão mais cheio que cofre de banco em dia de pagamento. Sua mulher também chegara na antemanhã, mas estava com os filhos numa boa, deliciando-se com a bela manhã no clube de campo. Também... A madame só entornava refrigerante! O contribuinte do leão, todavia, estava curtindo uma ressaca da braba. Como – justificava-se – veneno de cobra se cura com o próprio, a razão para buscar uísque logo pela manhã, onze horas e alguns ocloques...

"Marilu... Marilu... Esse nome não me é estranho... Já ouvi antes. Onde?"

Puxava pela cabeça mais oca que pastel de vendedor de rua.

"Será que é uma das gatas que pintaram na casa do Filó quando a gente foi assistir àquela sessão patota? Não... Não me lembro de Marilu. Diacho! Por que não presto atenção quando me apresentam alguém? Será que dei meu endereço a alguma mina? Barbaridade!"

Virou o uísque com cara de quem estava sofrendo uma tortura. O primeiro gole, em plena ressaca, é cavalar! Foi reabastecer o copo.

"Marilu... Marilu... Alguma conhecida do clube de campo? Também... É só minha mulher não ir que chove gata na minha horta! Ou sou eu que vou atrás? Ah!... Não... Aquela lourinha não deu em nada... E aquela de maiô preto? Raios! Por que não consigo guardar nomes?"

Enquanto devaneava na busca de uma luz reveladora, angustiado, a porta do apartamento foi aberta e a mulher e os filhos adentraram-no. O homem entrou em pânico.

"E se o porteiro abriu o bico? Comento ou não comento o caso? Ou esperar que ela toque no assunto se soube alguma coisa através daquele dedo-duro? Afinal, o ataque não é a melhor defesa?"

Mas foi a mulher, ao voltar do banheiro, que perguntou:

– Alguma novidade?

– Nada... Isto é, só uma moça que queria falar comigo, mas como não conhecia, não deixei subir. Provavelmente alguma vendedora.

– Vendedora no domingo? – estranhou a mulher.

– Sei lá... Existem as vivaldinas que sabem que aos domingos os maridos estão em casa e aproveitam para empurrar seus trens..."

– Mas não disse o nome?

– Disse... Não me lembro bem... Mariana... Não. Marília... Também não. Marilu! Isso, Marilu.

– Marilu?

– Me parece que é – falou dissimuladamente.

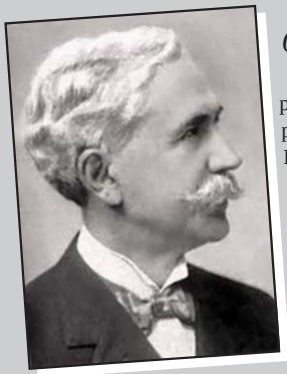
– Mas é sua prima, Pascoal, que telefonou ontem de São Paulo que viria almoçar conosco! Por isso vim mais cedo do clube...

– Nossa Senhora! – deu um salto, correu para o interfone:

– Alô... Alô! – Atenderam – A Marilu ainda está por aí?

– Que Marilu? – quis saber o porteiro.

****



Joaquim Nabuco

(Recife, 19/08/1849 – Washington, 17/01/1910)

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo: político, diplomata, historiador, jurista, jornalista, orador, poeta e memorialista, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Além de "O Abolicionismo" e "Minha Formação", deixou importante obra de memórias, na qual se percebe o paradoxo de quem foi educado por uma família escravocrata mas optou pela luta em favor dos escravos. Nabuco dizia sentir "saudade do escravo" pela generosidade deles, num contraponto ao egoísmo do senhor. "A escravidão permanecerá por muito tempo como a característica nacional do Brasil", sentenciou.

Carrinhos e carretos

Edival da Silva Castro

O Armazém Reembolsável Geral, também conhecido como Cantina, atendia com prioridade os funcionários da Fábrica Presidente Vargas, assemelhados e militares, nas suas compras mensais. O esquema era simples: o freguês trazia a lista de suas compras e entregava-a no escritório do armazém; recebia de volta um cartão numerado com nome e matrícula. Sua lista de compras transforma-se em pedido que chegava às mãos dos balconistas. Como era muito grande o movimento, principalmente no começo do mês, no dia subsequente, o freguês, portando o cartão, se identificava, quando então as compras estavam despachadas e prontas para ser entregues.

Os meninos, com seus carrinhos de mão estacionados defronte à Cantina, esperavam a liberação da mercardoria para ser conduzida às residências. Via-se nos semblantes de cada um deles a alegria de conquistar o freguês, o que significava uns troquinhos a mais.

Os carrinhos tinham formato de caixote retangular, com varais proporcionais aos tamanhos dos mesmos e, de preferência, com rodas de velocípede.

O carreto era cobrado conforme a distância percorrida: Vila Gen. Osório, Vila Duque de Caxias, Vila Barão, Bairro do Bambuzinho, Vila Célia, Av. Gen. Gomes Carneiro, Caixa d'Água etc... Algumas carroças disputavam as entregas.

Serviço nunca faltou para os mais afoitos, pois do primeiro ao décimo dia do mês eram liberadas de oitocentas a mil compras. Eu somente lamentava ter que trabalhar somente num período, porque no outro encontrava-me na escola, porém valia a pena, dava para defender os picolés de coco queimado do Brasilino e os ingressos para as matinês aos domingos, no Cine Estrela.

Antes de abrir a Subsistência na cidade de Lorena, as compras feitas pelos funcionários que lá moravam iam de trem, óbvio, acompanhadas pelos respectivos donos.

Quando o armazém se encontrava no auge de suas atividades, o vaivém das pessoas carregando compras, carrinhos saindo, chegando e estacionando, era simplesmente espetacular. Os casos omissos o saudoso Zé de Castro resolvia.

Acesse, leia e divulgue o Informativo da FCR

"O ESTAFETA"

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Uma questão de princípio

Atualmente, discute-se, de maneira enfática, a necessidade de se atender a dois pontos básicos sociais: a identidade de cada povo, vivendo ou não em seu território pátrio, e a inclusão social como norma genérica.

O conteúdo de uma nação costuma ser referente a um conjunto de população com história comum, soberania do Estado, língua nacional e demais símbolos – bandeira, hino, selo e armas. A identidade de cada grupo humano, resguardando tradição e destino, baseia-se, por sua vez, nos acontecimentos que geraram a organização nacional.

Na interpretação dos positivistas, a História fundamentou-se nos grandes eventos e heróis, ou seja, nos protagonistas elevados à posição de destaque nas hierarquias, seja de ordem econômica, política e social. São os portadores de bens e privilégios. Ao povo, de maneira geral entendido como massa silenciosa e cumpridora de deveres, estabelecidos em subalternidades aos donos do poder, resta aceitar as regras do jogo.

Obedecer, aceitar a verticalidade dos comandos – tudo baseado na ordem e no progresso, somente válidos no binômio do mando e da obediência.

Entretanto, novas leituras da História dos dominados, a pequena história dos miúdos – segundo os conceitos do pós-colonialismo, – trouxeram rupturas ao arranjo acima citado. A valorização da História do Cotidiano fez aflorar diálogos cada vez mais férteis do reconhecimento das identidades, tendo como foco a questionada inclusão social. Tema caríssimo aos métodos revisados das interpretações, não raro remete-se às conturbadas movimentações nas escalas sociais. Até que ponto a igualdade de todos no desenho social é, realmente, reconhecida como de direito? De que maneira os líderes, particularmente os políticos, encaram esses direitos à saúde, à educação, às condições higiênicas e salutares, e primordialmente à organização judicial, legislativa e executiva em cada município?

O princípio da igualdade defendida como direito implica em tomar posição frente aos desafios e ao chamado estabelecimento.

Para que tal se dê é necessário indagar sobre as formas administrativas, as programações educacionais impostas de cima para baixo e o direito ao saneamento básico, condição primeira da valorização de um povo.

Incluir, socialmente considerando, significa afastar todos os preconceitos de raça, (palavra já muito deturpada pelo indevido uso nas "classificações"), cor da pele, segundo os atributos dos conceitos do IBGE, religião e fontes de renda, que definem os vulgarmente reconhecidos em nossa cidade como jacus (os pobres) e inhambus (os ricos).

Incluir seria representado como direito de discutir decisões impostas e fazer sobrelevar os interesses com base nos deveres, entendidos como parte integrante do binômio direitos e deveres conscientemente exercidos.

Somente a educação bem orientada no jogo das prioridades pode promover uma relação limpa entre as partes, aceita por todos os participantes. Anotações fáceis para exposição de motivos, mas de difícil aplicação quando os costumes superam as medidas entendidas como necessárias.

Tema difícil de prática social, principalmente nas chamadas sociedades conservadoras, nas quais a exclusão tem sido usada como manobra do poder para fixar valores.

A reação da política inclusiva visa a conscientizar as pessoas eleitoras da força de seus votos para receber, como retorno, o atendimento às reivindicações e à prestação das contas do serviço público, e aí incluem-se, principalmente, segurança, educação, saúde, cuidados com o meio ambiente e planejamento divulgado às claras.

Dóli de Castro Ferreira

Fazer o bem faz bem

Impossível não se chocar com as imagens das tragédias que vêm assolando o Brasil e o mundo, neste início de 2010: as inundações e desmoronamentos provocados pelas chuvas, os transtornos causados pelo excesso de frio e neve no Hemisfério Norte e o horror nas ruas do desgraçado Haiti.

Nós do Vale do Paraíba nos entristecemos com a destruição de São Luiz do Paraitinga. Vibrante, colorida, alegre, palco de um dos carnavais mais tradicionais do Brasil, São Luiz calou-se com as águas do rio Paraitinga, que subiram mais de 12m e inundaram grande parte do município. Destruído ficou o patrimônio, despedaçado está o coração dos luizenses e dos que amam a História.

O Sul do Brasil há meses vem sofrendo com o excesso de chuvas – desabrigados, desalojados, plantações perdidas, prejuízos financeiros, mortes. São Paulo, a maior cidade do país, tem tido dias caóticos em função de enchentes e alagamentos. No último dia de 2009, a rica e bem-frequentada Angra dos Reis foi palco de deslizamentos que deixaram um saldo de mais de 50 mortes.

Tanto no Vale do Paraíba, quanto no Sul e Sudeste, as tragédias mostradas foram em função das chuvas. Em todos os casos, o que se vê são políticos justificando que não há como evitar "a força da natureza". Alegam que os volumes de chuva foram muito acima daqueles para os quais as cidades e a defesa civil estão preparadas. Afirmo, sem sombra de dúvidas, que, mais uma vez, esses salafrários estão é dando desculpas esfarrapadas. Muitas das tragédias ocorridas após fortes chuvas, especialmente as que ceifam vidas, podem ser evitadas, pois são resultado do descaso do poder público com a legislação ambiental.

O que dizer, porém, do terremoto no Haiti? Há muito tempo não me emocionava tanto com cenas como as desse desastre. "Assim como as fortes chuvas, também é impossível evitar um terremoto", dirão alguns. É verdade. É difícil prever um fenômeno de tamanha proporção. O agravante, o que machuca é ver uma cidade inteira, um povo miserável, vítima de governos inconsequentes, autoritários e corruptos, sofrendo, além das consequências do inevitável, o descaso das autoridades, a incompetência de seus governantes. O país, que já sobervive com estrutura precária, demonstrou total despreparo para enfrentar uma tragédia. O que vimos foram pessoas desesperadas, arrancando entulhos com as próprias mãos para salvar amigos, parentes e até desconhecidos. Fala-se em mais de 50 mil mortes.

A miséria do Haiti é maior do que a brasileira? Sim. Não há dúvidas de que estamos em melhores condições do que aquele povo. Tanto é, que os estávamos ajudando: o Brasil mantém desde 2004 uma missão militar naquele país, com excelentes resultados. Pois foram, até o momento emq eu escrevo, quatorze os militares que perderam a vida sob os escombros haitianos. Além dos militares, perdemos Dra. Zilda Arns, médica fundadora da Pastoral da Criança, um dos programas sociais mais bem-sucedidos do Brasil.

Essas tragédias todas, além da tristeza, trouxeram-me a certeza o de que o mundo precisa de solidariedade e de seriedade. A morte de turistas, a destruição de lavouras, lares e do patrimônio histórico, o desmoronamento de uma nação resultaram, também, numa grande demonstração: a de que o ser humano, em sua essência, é bom, é carinhoso, é solidário. E são emblemáticas as mortes de uma líder como Zilda Arns e dos militares brasileiros numa situação como esta. Impossível não tirarmos a lição de que precisamos olhar mais para o próximo.

O Haiti, meus amigos, também está aqui! Olhemos para o lado e veremos que, em Piquete mesmo, a miséria humana existe. Tragédias naturais vão continuar ocorrendo – e talvez piorar, se levarmos em conta as condições climáticas. Mas elas serão muito menos impactantes se houver seriedade com a coisa pública, administrações honestas e voltadas para o bem-estar da população. E nisto temos como influir. Não é preciso dinheiro. Dão resultado também o respeito pelo próximo, a doação sem esperar retorno, a solidariedade, a consciência política, a cidadania. Vamos lá. Fazer o bem faz bem!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

"Estou convencida de que a solução da maioria dos problemas sociais está relacionada com a redução urgente das desigualdades sociais, com a eliminação da corrupção, a promoção da justiça social, o acesso à saúde e à educação de qualidade, ajuda mútua financeira e técnica entre as nações, para a preservação a restauração do meio ambiente"

(Trecho do último discurso de Zilda Arns, proferido em 12/01/2010, em Porto Príncipe, no Haiti)

Quem perder a vida vai ganhá-la

Pe. Fabrício Beckmann

No dia 12 de janeiro, recebemos a triste notícia de que a Dra. Zilda Arns havia falecido em meio aos escombros de uma igreja, no Haiti, que ruiu devido a um forte terremoto que vitimou muitas pessoas. A Dra. Zilda morreu da mesma maneira que viveu, servindo aos meninos e meninas pobres deste mundo marcado pela desigualdade, sonhando com uma realidade mais justa, com uma sociedade capaz de acolher suas crianças e delas cuidar. Sua vida e sua morte são uma grande expressão de amor e nos enchem de orgulho e de profunda gratidão.

A Pastoral da Criança, idealizada por ela, tem sido um grande instrumento de construção do Reino de Deus entre nós. Reino de Deus nada mais é que o mundo transformado pela palavra de Deus, vivida e testemunhada pelos cristãos e pessoas de boa vontade. É a superação das estruturas de pecado instaladas entre nós, como o egoísmo, a falta de divisão dos bens, a exclusão social, a exploração do próximo e tantos outros males presentes no mundo, que fazem com que haja tanta miséria e condenam tantos inocentes a uma vida precária e desumana.

O evangelista Mateus, no capítulo 16, verso 25, registra um belo ensinamento de Jesus: "Quem quiser salvar a sua vida vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim vai encontrá-la". Assim foi a vida da Dra Zilda; consumiu-se servindo às crianças carentes do mundo, lutando pelo projeto do evangelho, até a morte sob os destroços da igreja onde capacitava novos membros para sua pastoral. Encontrou a Vida doando a vida, conforme ensinou Jesus.

O Papa João Paulo II, em uma de suas visitas ao Brasil, declarou: "O Brasil precisa de Santos!" A Dra. Zilda Arns é, seguramente, uma resposta ao clamor do saudoso Papa, tão querido aos brasileiros. Tenhamos nós, cristãos e pessoas de boa vontade, semelhante coragem em servir e amar nossos irmãos; sigamos o exemplo desta mulher, de quem lamentamos a perda. O Brasil e o mundo precisam de pessoas bondosas, justas, comprometidas e santas.

Administrando a Decepção

Abigayl Lea da Silva

Quem acompanhou o noticiário sobre a Conferência de Copenhague pôde sentir a decepção que tomou conta da delegação brasileira e, principalmente, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

E houve fortes motivos para isso. O Brasil não improvisou. Os representantes brasileiros se empenharam na preparação tendo em vista um rol de argumentos para resolver de vez os impasses que invariavelmente caracterizam cada reunião sobre mudanças climáticas.

No Congresso, a Comissão Mista Permanente sobre Mudanças Climática não poupou esforços. Audiências públicas foram revelando ao povo brasileiro a extensão e a profundidade dos conhecimentos adquiridos para uma boa atuação na COP.

Informações sobre REDD (reduções de emissão por desmatamento e degradação), sobre mitigação de efeitos por aporte tecnológico e financeiro, sobre estoques de carbono, sobre mecanismos de mercado compensatório, sobre carbocaptura e conservação de carbono no subsolo foram repassadas por especialistas aos deputados e senadores; e ao povo, através da televisão pública.

Só para exemplificar, a intervenção de Tasso Resende de Azevedo, consultor do Ministério do Meio Ambiente na Área de Floresta e Clima, não deixou dúvida a respeito da seriedade do governo brasileiro e na esperança de bons resultados na COP 2009.

Para quê? Nada! Quem sabe no México em 2010?

Reprodução

Enquanto isso, o Global Footprint Network afirma que 25 de setembro foi o dia da "pegada ecológica" do homem em 2009. Tudo o que consumimos após o dia indicado a natureza não conseguiu repor até o fim do ano. Terminamos 2009 com um défice de três (3) meses.

A mesma pegada ecológica revela que o planeta dispõe de 1,8 hectare de área para atender às necessidades de cada pessoa. Mas, desde 1999, a média de consumo mundial equivale a 2,2 hectares por pessoa. O planeta não pode suportar.

Sabemos que o Ártico tem este nome porque tem urso (gr. árktos), animal e constelação. O degelo está ameaçando a fauna deste clima único – a população de ursos-polares pode cair a um terço (1/3) até 2050.

A revista Veja (108 – 23/09/09) traz o gráfico da Passagem Nordeste, recém-aberta pelo derretimento do gelo do Oceano Ártico.

Um navio, viajando entre Ulsan (Coréia) e Roterdã (Holanda), via canal do Suez, percorre 20.000km em 70 dias. Pela Passagem Nordeste, percorre 14.800km em 60 dias. Dois navios alemães realizaram esta viagem.

Se o aquecimento global viabilizar as rotas de navegação pelo Ártico, tornará possível a exploração das riquezas aí escondidas. Estados Unidos, Canadá, Rússia, Noruega e Dinamarca vão disputar o petróleo e o gás aí existentes. Degelo mais poluição – fim do "árktos", fim do Ártico.

Valei-nos, São Tomé!

Vamos cuidar do que é nosso. Aproveitemos a sabedoria do governo que pretende dar status constitucional à proteção do cerrado e da caatinga. Abracemos nossos mananciais e nossas florestas. Em vez de exportar boi e soja, exportemos oxigênio e água.

****